

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES  
BACHARELADO EM ARTES VISUAIS**

**JAQUELINE CAUDURO BUCHABQUI**

**ALÉM DO PAPEL**

A boneca como representação e reflexão.

Porto Alegre  
2018

**JAQUELINE CAUDURO BUCHABQUI**

**ALÉM DO PAPEL:** a boneca como  
representação e reflexão.

Trabalho de Conclusão do Curso de Artes  
Visuais do Instituto de Artes da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul, como requisito  
parcial e obrigatório para obtenção do título de  
Bacharelado em Artes Visuais.

**Orientadora:** Prof. Dra. Adriane  
Hernandez

**Banca Examinadora:**

Prof. Dra. Laura Gomes de Castilhos

Prof. Dra. Marina Bortoluz Polidoro

## Sumário

Resumo .....	1
Agradecimentos.....	2
Lista de Figuras .....	3
Universo próprio .....	7
Sobre projeções .....	10
Sobre estímulos .....	25
Sobre imaginações e processos .....	32
Sobre jogos e brincadeiras .....	62
Considerações Finais .....	70
Referências .....	73

## **Resumo**

“Além do Papel: a boneca como representação e reflexão” é um projeto composto do presente texto e um conjunto de desenhos e vídeos produzidos durante o ano de 2018.

Neste trabalho, explico as relações que a minha produção tem com as brincadeiras e imagens infantis, assim como modos de brincar que posso imaginar como artista. Exponho também as minhas constatações como o objeto boneca de papel pode servir como estímulo para imaginário e como o desenho compõe o meu trabalho artístico, assim como as possibilidades do registo em vídeo de ações sobre o desenho, relacionando com referenciais teóricos e artísticos.

**Palavras-chave:** Boneca, imaginação, materialidade.

## Agradecimentos

Aos meus pais e a toda minha família, que me incentivaram sempre a fazer o que amo, da infância até agora

À minha orientadora Adriane, que com sua sensibilidade me guiou durante essa fase e durante a graduação

Ao Mateus, por estar sempre ao meu lado, mesmo nos momentos mais difíceis

A Laura e Marina, por também iluminarem o desenvolvimento dessa fase final da graduação

A todos os meus amigos e colegas que estiveram comigo, acreditaram e colaboraram para o crescimento do meu ser e do meu trabalho

*"Estruturando a matéria, também dentro de si ele se estruturou. Criando, ele se recriou."*

Fayga Ostrower

## Lista de Figuras

Figura 1: Jaqueline Buchabqui, *Valentina recortada*, grafite sobre papel, 18 x 24 cm, 2018.

Figura 2: Jaqueline Buchabqui, *Valentina perde a cabeça I*, vídeo, 17seg, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/osMgEtGOS3Y>

Figura 3: Jaqueline Buchabqui, *Boneca de Papel: Valentina I*, técnica mista, 21 x 29,7 cm, 2015.

Figura 4: Jaqueline Buchabqui, *Sem título*, grafite sobre papel, tamanhos diversos, 2015.

Figura 5: Jaqueline Buchabqui, *Vazio*, grafite sobre papel, 18 x 24 cm, 2018.

Figura 6: Jaqueline Buchabqui, *Sem título*, grafite e linha sobre papel, 10 x 10 cm cada, 2015.

Figura 7: Jaqueline Buchabqui, *Rosas e Espinhos (detalhe)*, 2018. Fotografia por Brenda Maciel.

Figura 8: Jaqueline Buchabqui, *Marionete (detalhe)*, 2018. Fotografia por Brenda Maciel.

Figura 9: Jaqueline Buchabqui, *Boneca de Papel: Valentina II*, grafite e aquarela sobre papel, 15 x 21 cm, 2016.

Figura 10: Fotografia de *Boneca de Papel: Valentina I* exposta no formato de papel de lambe na exposição Fetiche e Afeto: elaborações artísticas em torno da boneca, Galeria Hipotética, 2018. Fonte: <https://hipotetica.com.br/exposicao/fetiche-e-afeto-elaboracoes-artisticas-em-torno-da-boneca/>.

Figura 11: Jaqueline Buchabqui, *Aurora*, vídeo, 3min 44seg, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/oETceZKvtVw>

Figura 12: Jaqueline Buchabqui, *Flor do dia (detalhe)*, 2018.

Figura 13: Jaqueline Buchabqui, *Nana flutua*, vídeo, 2min 15seg, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/3niRV2xCSds>

Figura 14: Parte do livro "The Black Apple's Paper Doll Primer", de Emily W. Martin.

Figura 15: Cindy Sherman, *Dolls Clothes*, vídeo, 2min 22seg, 1975. Fonte: <http://www.tate.org.uk/art/artworks/sherman-doll-clothes-t12571>

Figura 16: William Kentridge, *Slow Quick Quick Slow [Lento rápido rápido lento] fragmentos de estúdio de The Refusal of Time [A recusa do tempo]*, 2012, vídeo, 7min 31seg. edição: Catherine Meyburgh e Melissa Parry. Coleção do artista, cortesia de Marian Goodman Gallery, Nova York, Goodman Gallery, Johannesburgo, e Galeria Lia Rumma, Nápoles e Milão. Fonte: catálogo William Kentridge: fortuna.

Figura 17: Jaqueline Buchabqui, *Valentina perde a cabeça e se faz em pedaços*, grafite sobre papel, 14 x 19 cm, 2018.

Figura 18: Jaqueline Buchabqui, *Valentina e o Fogo (detalhe)*, 2018. Fotografia por Brenda Maciel.

Figura 19: Jaqueline Buchabqui, *Valentina recortada (detalhe)*, 2018. Fotografia por Brenda Maciel.

Figura 20: Jaqueline Buchabqui, *Valentina perde a cabeça II*, vídeo, 25seg, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/K2qusVKE718>

Figura 21: Jaqueline Buchabqui, *Valentina se faz em pedaços*, vídeo, 2min 47seg, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/GtnogNaEhD8>

Figura 22: Jaqueline Buchabqui, *Valentina recortada*, vídeo, 3min 51seg, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/awl95e15arY>

Figura 23: Jaqueline Buchabqui, *Valentina e o Fogo*, grafite sobre papel e impressão sobre papel couché, 18 x 24 cm cada, 2018.

Figura 24: Jaqueline Buchabqui, *Valentina e o Fogo*, vídeo, 6min 38seg, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/iyYWNRCrtug>

Figura 25: Jaqueline Buchabqui, *Nana*, grafite e aquarela sobre papel e impressão sobre papel couché, 18 x 24 cm cada, 2018.

Figura 26: Jaqueline Buchabqui, *Sofia, sereia*, grafite e aquarela sobre papel e impressão sobre papel couché, 24 x 33 cm cada, 2018.

Figura 27: Jaqueline Buchabqui, *Sofia*, vídeo, 2min 9seg, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/qpU3Txu-PQU>

Figura 28 : Jaqueline Buchabqui, *Vazio*, vídeo, 2min 7seg, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/nPol04oDzSk>

Figura 29: Jaqueline Buchabqui, *Machucado, grafite e aquarela sobre papel*, 18 x 24 cm, 2018.

Figura 30: Jaqueline Buchabqui, *Machucado*, vídeo, 2min 57seg, 2018. Disponível em: [https://youtu.be/ns55s8l2\\_nU](https://youtu.be/ns55s8l2_nU)

Figura 31: Jaqueline Buchabqui, *Diana*, grafite e linha sobre papel, 14 x 19 cm, 2018.

Figura 32: Jaqueline Buchabqui, *Diana*, vídeo, 1min 48seg, 2018.  
Disponível em: <https://youtu.be/dcRFvIXQaHE>

Figura 33: Leonilson, *O Ilha*, bordado sobre tela com aplicação de metal, 1990. Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra58463/o-ilha>.

Figura 34: Jaqueline Buchabqui, *Marionete*, grafite, colchetes e linha sobre papel, 24 x 33,5 cm, 2018.

Figura 35: Jaqueline Buchabqui, *Marionete*, vídeo, 4min 39seg, 2018.  
Disponível em: <https://youtu.be/R-T1CROaXVg>

Figura 36: Jaqueline Buchabqui, *Cecilia*, grafite, aquarela e colchetes sobre papel, 18 x 24 cm, 2018.

Figura 37: Jaqueline Buchabqui, *Cecilia*, vídeo, 1min 56seg, 2018.  
Disponível em: <https://youtu.be/sTyuO2aa3po>

Figura 38: Jaqueline Buchabqui, *Rosas e Espinhos*, grafite e aquarela sobre papel, 33,5 x 24 cm, 2018.

Figura 39: Jaqueline Buchabqui, *Rosas e Espinhos*, vídeo, 2min 14seg, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/obiO2Zz8f5E>

Figura 40: Jaqueline Buchabqui, *Cecilia (projeto)*, caneta sobre papel, 14,8 x 21 cm, 2018.

Figura 42: Jaqueline Buchabqui, *Aurora*, grafite e aquarela sobre papel e impressão em papel sulfite, 18 x 24 cm cada, 2018.

Figura 42: Jaqueline Buchabqui, *Flor do dia*, grafite e aquarela sobre papel e impressão em papel sulfite, 18 x 24 cm cada, 2018.

Figura 43: Jaqueline Buchabqui, *Flor do dia*, vídeo, 2min 32seg, 2018.  
Disponível em: [https://youtu.be/gxMNyXl\\_74c](https://youtu.be/gxMNyXl_74c)

Figura 44: Jaqueline Buchabqui, *Vazio (detalhe)*, 2018. Fotografia por Brenda Maciel.

Figura 45: Jaqueline Buchabqui, *Valentina e o Fogo (detalhe)*, 2018. Fotografia por Brenda Maciel.

Figura 46: Jaqueline Buchabqui, *Aurora (detalhe)*, 2018. Fotografia por Brenda Maciel.



Para assistir a todos os vídeos, escaneie o QR Code com o aplicativo de sua preferência!

Ou acesse o link:

[https://youtube.com/channel/UCqn\\_E7wf33ljPfziRgvqIIA/videos](https://youtube.com/channel/UCqn_E7wf33ljPfziRgvqIIA/videos)

## Universo próprio

A boneca tem muitas representações e utilidades no nosso mundo: ela é, de forma geral, um objeto para brincar, no entanto, facilmente pode transformar-se em parte de uma coleção, tema de estudos pedagógicos e pode também ser o fio condutor de uma poética, como no caso do presente trabalho. No texto que segue exploro a minha produção artística atual, que se circunscreve essencialmente nas áreas do desenho e da aquarela, transpondo-se numa interdisciplinaridade com o vídeo e a fotografia. Dessa maneira, trato aqui sobre o meu processo, trabalhos práticos e os elementos do meu imaginário ligados a eles, como o jogo e os sentimentos, sempre atrelados de alguma forma com os meus principais estímulos: a boneca e a lembrança.

No meu processo, que é íntimo e cuidadoso, crio desenhos em grafite e aquarela, representando bonecas de papel e reflexões sobre sentimentos e meu próprio mundo. Criações essas que ao longo do percurso se desdobraram em outras técnicas, como a fotografia e o vídeo. Neste Trabalho de Conclusão de Curso relatarei a minha produção e o seu desenvolvimento, numa narrativa não necessariamente linear, mas que evidencia a importância do meu pensamento criativo.

Os focos principais do momento atual da minha produção são, então, os desenhos, os vídeos – que serão apresentados através de links para o *YouTube* – e quaisquer outros resultados da interdisciplinaridade dos trabalhos, ligados às questões que me dão suporte e estímulo. Apesar deste foco, para situar

o leitor acerca da minha trajetória, apresento também tópicos e trabalhos ligados ao meu passado, tanto da infância e adolescência, quanto do início da minha trajetória artística e acadêmica, fases que me impulsionaram até agora. Ao longo deste texto irei também inserir projetos e esboços de bonecas e personagens, sem o uso de legendas técnicas, de modo a entretecer a leitura e a narrativa despretensiosamente.

Intitulado de “Universo próprio” o agrupamento de questões que mapeei, características ligadas aos desenhos que produzo e que se repetem, sendo de meu mais profundo interesse. São objetos de carinho, que se manifestam na sutileza do processo e nos resultados dos trabalhos, são também os meus desejos, que tanto procuro expressar nessa produção.

Construir este projeto, tanto por meio do objeto artístico em si, quanto na forma de um TCC, é instigante não só para mim, mas para os possíveis públicos, pois notei que várias pessoas recuperam lembranças afetuosas através da infância e da boneca, esses fios condutores. Acredito que o meu trabalho artístico, em conjunto com a pesquisa, enriquece o meu repertório tanto quanto o dos possíveis espectadores da arte e leitores do texto, criando um vínculo, uma identificação.

Sendo assim, acredito que esse trabalho é uma maneira não só de mostrar meus trabalhos para quem queira entendê-los, mas também para *me* descobrir como artista e pessoa. A boneca e o papel servem aqui como um meio de reflexão, tanto do trabalho quanto do “eu”.

O momento não poderia ser mais oportuno: ao final da

graduação, revisei muitas questões, trabalhos e técnicas, pensei também sobre as ideias nunca realizadas. E, na verdade, relatarei sobre rojetos, pensamentos e outros elementos que habitam o meu processo além dos trabalhos finalizados. Nessa fase, conseguirei mostrar *como* coloco estes trabalhos, lembranças e reflexões, de fato, *no papel*.



## Sobre projeções

Necessito, então, compreender do que essencialmente se trata a minha produção. Faço desenhos de bonecas de papel, *recortadas*, utilizando grafite e aquarela, com uso reduzido de cores e interferências materiais que, em parte, trazem um caráter vivencial e autobiográfico (Fig. 1). A partir desses desenhos, crio outras proposições artísticas: impressões, fotografias, vídeos, *stop motion* (Fig. 2)... Represento as bonecas através de traçados delicados, com um misto de fantasia, fábula e sentimentos pessoais.

Irei, portanto, tratar da minha produção artística atual e dos seus processos, que em sua concepção não têm uma proposta fechada em número de obras, pois a minha produção não tem um fim, embora crie agrupamentos de trabalhos que funcionam conjuntamente. Pretendo apresentar aqui essa coleção, explorando os materiais e suportes possíveis – desenho, vídeo e fotografia – e o “Universo próprio” – a poética e interesses – e estudar essa produção, relacionando-a com as minhas influências artísticas e teóricas.

O desenho é a principal linguagem que utilizo desde o início da minha trajetória artística, sobrepondo-se usualmente com a aquarela. Através do pequeno formato e gestos delicados, criei um estilo estético, seja um esboço ou uma boneca de papel já recortada. O uso de tons de cinza, marrons e vermelhos, a fluidez sutil de como utilizo o lápis. As técnicas não se repetem com grande exatidão, mas construo uma unidade.



Figura 1: Jaqueline Buchabqui, Valentina recortada, grafite sobre papel, 18 x 24 cm, 2018.

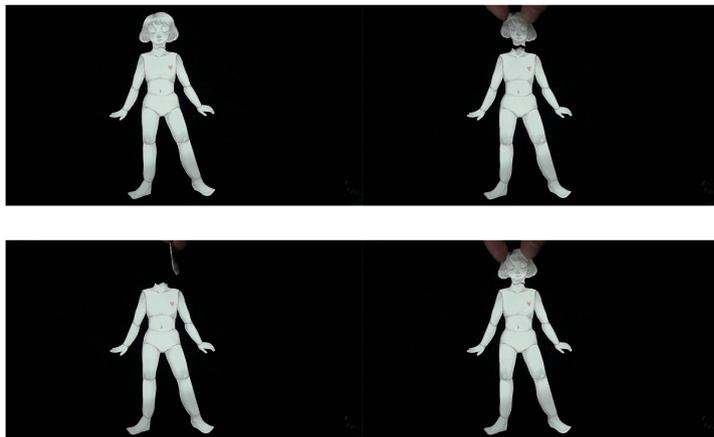
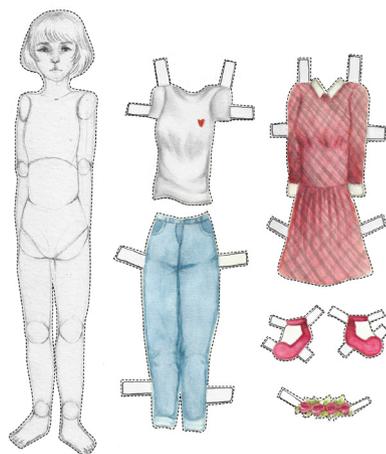


Figura 2: Jaqueline Buchabqui, *Valentina perde a cabeça I*, vídeo, 17seg, 2018.  
Disponível em: <https://youtu.be/osMgEtGQ53Y>

## *Bonecas de Papel*



Jaqueline Buchabqui  
facebook.com/jakiescadie  
jacquelinecaucuro@gmail.com

Figura 3: Jaqueline Buchabqui, *Boneca de Papel: Valentina I*, técnica mista, 21 x 29,7 cm, 2015.

Comecei criando bonecas de papel recortadas, de maneira despreziosa, apenas jogando com a questão do brinquedo antigo (Fig. 3). Criei também desenhos de rostos recortados, explorando aspectos do grafite e da linha de bordar (Fig. 4), representações essas se mantendo no pequeno formato e que se cruzaram e se transformaram o meu trabalho atual, através da reflexão acerca do desenho e vídeo (Fig. 5).

Apesar dos desenhos serem miniaturizados, eles levam considerável tempo para serem produzidos e, por isso, passei a me preocupar menos com a quantidade de bonecas de papel de fato finalizadas que apresentaria aqui. As minhas bonecas são ricas em detalhes, tanto no desenho, quanto na maneira que adiciono a aquarela, quanto em elementos do imaginário. Sendo assim, me preocupo com cada experiência, mas sem fugir dos meus aspectos e características próprios do desenho, e relatarei aqui como esses experimentos e vivências funcionam, nesse meu mundo de desenhos em miniatura:

Guiado pelo poeta, o sonhador, deslocando seu rosto, renova seu mundo. Da miniatura do quisto de vidro, o sonhador faz cair um mundo. (BACHELARD, 1960: p. 121)

Dessa maneira, penso em conjuntos, pequenos recortes da produção, a minha coleção.

Embora o material empregado seja aparentemente uma questão secundária, possui grande importância em meu trabalho. O grafite é um material versátil que pude utilizar desde o início de minha trajetória no desenho. O grafite pode ser leve, assim utilizo também leveza no gesto. Consigo construir cama-



Figura 4: Jaqueline Buchabqui, *Sem título*, grafite sobre papel, tamanhos diversos, 2015.



Figura 5: Jaqueline Buchabqui, *Vazio*, grafite sobre papel, 18 x 24 cm, 2018.

das leves, sobrepor tonalidades diferentes, dando o detalhamento e profundidade que desejo. Considero o grafite um material apropriado para fazer meus traçados, pois foi ao qual me adaptei melhor e possibilitou, posteriormente, o jogo do preto e branco com alguns detalhes em cor. Desenhar a boneca com o lápis é também uma maneira de delimitar a representação. Não só delimitar a figura em si, mas também delimitar como recortarei em volta dessa boneca de papel.

Consequentemente, o recorte é um elemento de destaque em meus trabalhos, recorto o papel de maneira a demarcar tanto a figura quanto o meu ato de criar, fazer essa brincadeira inicial com a boneca. Sinto como se estivesse a libertando, mesmo sabendo que, ao final do processo, dentro da moldura, encerrarei a experiência. Embora a brincadeira com o objeto boneca de papel tenha sido reinventada de muitas maneiras, percebo que é correto, para mim, fazer a marcação das figuras do meu trabalho. Recriei tanto a boneca de papel em meu imaginário, em meu próprio contexto, que se faz necessário recortá-la de modo que eu sinta que ela ainda é uma boneca de papel de verdade. O corte gera a percepção da tridimensionalidade do papel.

Considerando a questão do tempo e da dimensão dos desenhos produzidos, conduzi uma busca por um *display* apropriado para eles, antes mesmo de começar a pensar sobre uma possível interdisciplinaridade dos trabalhos. *Onde* e *como* expor esse desenho original, tão pequeno e frágil. Um desenho recortado, na minha concepção, não poderia ficar apenas preso

à parede: ele iria se perder na imensidão da mesma. Busquei, então, por um suporte ideal, onde o original não seria acessível ao toque do observador: procurei por caixas, vidros, molduras (Fig. 6). Durante o processo, encontrei vários problemas: às vezes o fundo não realçava o desenho como eu gostaria, ou a moldura desvalorizava o desenho, ou não conseguia uma proteção apropriada. Acredito que o meu trabalho necessita de tanta proteção, pois poucas pessoas costumam ter esse cuidado ao tocá-lo, afinal, a vontade que o espectador normalmente sente é de mexer num objeto tão pequeno e a de tomar pra si, pela sua graciosidade (Fig. 7).

O primeiro resultado do meu trabalho, o desenho original, é delicado e apenas eu, como artista, sei os modos apropriados de fazer alterações, manipulá-lo, brincar, escolher o melhor lugar para essa boneca ser exposta... O *display* que considere mais apropriado foi uma moldura com um fundo neutro ou uma fotografia para destacar o desenho, com um vidro para proteção (Fig. 8). É importante destacar que, nos primeiros trabalhos dessa coleção, utilizei uma moldura e fundo escuros, no entanto, ao desenvolver novas criações, utilizei uma moldura mais clara, que acredito realçar melhor o desenho e atribuir uma atmosfera mais suave, também refletindo um período mais feliz e leve da minha produção. A moldura é um elemento importante no meu processo, pois compreende uma das várias fases dessas experiências que inventei e abre caminho às outras que complementam o trabalho.

Embora o desenho seja a base do meu trabalho, senti que



Figura 6: Jaqueline Buchabqui, *Sem título*, grafite e linha sobre papel, 10 x 10 cm cada, 2015.

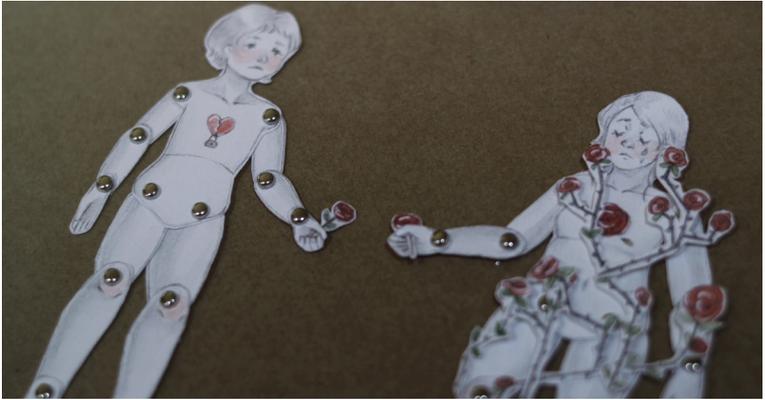


Figura 7: Jaqueline Buchabqui, *Rosas e Espinhos (detalhe)*, 2018. Fotografia por Brenda Maciel.



Figura 8: Jaqueline Buchabqui, *Marionete (detalhe)*, 2018. Fotografia por Brenda Maciel.

manter a minha produção apenas nessa área limita ligeiramente as ideias. Admito que, quando comecei a pensar em como ia construir este trabalho, acreditei que ia apenas dar continuidade às bonecas de papel da maneira como vinha fazendo há alguns anos (Fig. 9). As bonecas de papel acabariam se mantendo estáticas, e o trabalho se encerraria ali. Sentia que o trabalho não estava completo e que poderia fazer um cruzamento além do desenho. Mas não apenas isso, desejava, às vezes, preservar o objeto original para que possibilitasse uma quantidade maior de experimentações físicas sobre danos, rupturas e tamanhos, conforme cita Fayga Ostrower:

*Formar importa em transformar. Todo processo de elaboração e desenvolvimento abrange um processo dinâmico de transformação, em que a matéria, que orienta a ação criativa, é transformada pela mesma ação. (OSTROWER, 1987, p. 51)*

Um desenho que é pequeno pode ser reimaginado no formato impresso em tamanho substancialmente maior, como quando expus um dos meus primeiros desenhos de boneca de papel numa parede, porém impresso em papel de lambe (Fig. 10). Posso interferir no trabalho com matérias como fogo e água sem me preocupar excessivamente (Fig. 11). Através da reprodução do desenho posso me apegar menos a alguns trabalhos e me permitir mais, pois costumo me afeiçoar mais aos desenhos que passei mais tempo produzindo ou pelos que possuem maior quantidade de detalhes. Mesmo assim, faço a escolha de quais bonecas preservarei e quais danificarei diretamente, existindo algumas onde faço intervenções diretas. Dessa maneira, posso evidenciar contrastes entre a reprodução impressa do desenho



Figura 9: Jaqueline Buchabqui, *Boneca de Papel: Valentina II*, grafite e aquarela sobre papel, 15 x 21 cm, 2016.



Figura 10: Fotografia de *Boneca de Papel: Valentina I* exposta no formato de papel de lambe na exposição *Fetiche e Afeto: elaborações artísticas em torno da boneca*, Galeria Hipotética, 2018.

Fonte: <https://hipotetica.com.br/exposicao/fetiche-e-afeto-elaboracoes-artisticas-em-torno-da-boneca/>



Figura 11: Jaqueline Buchabqui, *Aurora*, vídeo, 3min 44seg, 2018.  
Disponível em: <https://youtu.be/oETceZKvtVw>

e o original, fazendo uma espécie de comparação com o *antes e depois*. A reprodução da boneca de papel permite novas possibilidades sobre a minha interação e a do espectador, a qual eu não permitia no original. Posso disponibilizá-las para quem desejar (Fig. 12), para que elas possam ser “brincadas” como na ideia original do objeto boneca de papel. O múltiplo impresso permite repensar e me envolver mais em minhas posições:

Um grande sonhador vive duplamente suas imagens, na terra e no céu. Mas, nessa vida da poética das imagens há mais que um simples jogo de dimensões. O devaneio não é geométrico. O sonhador se envolve a fundo. (BACHELARD, 1960, p. 128)

A partir da boneca de papel, em seu aspecto de desenho original ou material impresso, surgiram questões sobre as interações que realizo sobre elas e, conseqüentemente, apareceu o problema de como exibir essas ações. O vídeo é uma forma de registro, e se tornou uma documentação do meu ato de brincar com a boneca de papel, que ganha o *status* de objeto artístico. Posso, dessa maneira, exibir as minhas experiências de brincadeiras ao espectador, convidá-lo a entendê-las, e assim despertar sentimentos de nostalgia, lembranças e desejos.

Exibir o vídeo é, também, uma experiência de multiplicação do desenho. Há diversas maneiras como posso apresentar o vídeo: *on-line*, projeções, o suporte do *tablet*, *computador* ou *televisão*... A depender do meu espaço expositivo, ou da ausência dele, assim como a minha intenção de evidenciar as diferenças entre o grande e o pequeno: “Mas, às vezes, as transa-



Figura 12: Jaqueline Buchabqui, *Flor do dia* (detalhe), 2018.

ções do pequeno e do grande se multiplicam, se repercutem” (BACHELARD, 1960, p. 129). Sendo assim, consigo manter a experiência viva para ser visitada pelo espectador de maneiras diferentes, mesmo que eu brinque e destrua a boneca.

Esse convite a observar as minhas ações é acentuado pela ambientação: inseri nos vídeos objetos de uso doméstico em cenários do meu cotidiano (Fig. 13), mostrando como realizo ações artísticas sobre os meus desenhos. A inserção de certos cenários e objetos não era intencional, como os potes e o ralo, enquanto o copo e a agulha fazem parte da minha narrativa. Propositalmente ou não, esses detalhes compõem o caráter íntimo e autobiográfico dos vídeos, libertando meus desejos por meio das brincadeiras com a materialidade e instigando o espectador a admirar a experiência em vídeo.



Figura 13: Jaqueline Buchabqui, *Nana flutua*, vídeo, 2min 15seg, 2018.

Disponível em: <https://youtu.be/3niRV2xCsDs>

Conforme já mencionei, o meu trabalho atual se foca mais no meu processo e nas experiências do que antes. Os trabalhos que produzi em 2018 impulsionaram essas novas ideias acerca do processo e, embora pareça uma pouca quantidade, cada brincadeira é igualmente importante para mim, a artista. Após detalhar sobre os estímulos que complementam a minha jornada, mostrarei de maneira sutil o processo envolvido nessa coleção. Compartilho, assim, com o leitor e espectador os meus experimentos, brincadeiras e reflexões.



## Sobre estímulos

Os estímulos, da mesma maneira que os detalhes de meu interesse, não surgiram de repente e continuam se ampliando, dando forma às ideias. Inconscientemente, coloquei em meu trabalho as referências adquiridas durante a vida, por vezes demonstrando pela representação de objetos ou personagens da minha infância, ou seja, lembranças afetivas que guardo. A ausência de consciência ainda existe, mas numa escala menor, e sempre seguida de uma conscientização, que resulta em uma busca por referências, sejam estéticas, técnicas ou, principalmente, relacionadas às minhas questões de interesse.

Numa dessas buscas por referências relembrei o meu afeto pelas bonecas de maneira geral, crescendo o meu interesse por bonecas de papel que, inicialmente, eram uma referência aparentemente desproblematizada. Essa primeira ideia levou-me a pesquisar imagens de bonecas de papel nas suas formas mais experimentais, como define Judy Johnson:

Uma boneca de papel é uma figura bidimensional desenhada ou impressa em papel, a qual possui um artigo de roupa que o acompanha. Pode ser uma figura de uma pessoa, animal ou objeto inanimado. O termo pode se estender a incluir itens similares fabricados com materiais além do papel, como plástico, tecido ou madeira. (2005, *on-line*, tradução nossa)

Também de acordo com a autora, as bonecas de papel existem desde que existem o papel e a noção de criatividade para criá-las, entretanto, se popularizaram como brinquedo na Europa por volta do século XIX. Tendo a forma de um brinquedo barato e uma ferramenta para o marketing de grandes marcas,

a boneca de papel fez parte de memória de várias gerações, já diluída na minha, mas ainda presente nas lembranças da minha família. Sendo assim, penso na boneca de papel como um objeto de interesse justamente pela relação com lembranças minhas e de outras pessoas. É um elemento de nostalgia que posso reviver através da minha produção, e me utilizar dele para transmitir ideias para o espectador.

Dessa maneira, partindo do ponto que revivi esse interesse, passei a atribuir o *status* de boneca aos meus desenhos, mesmo que não estivessem visíveis as junções dos membros, ou houvesse a ausência de roupas para brincar. O desenho é um meio de expressão e a boneca como representação é o elemento que torna a minha reflexão mais palpável e convidativa para mim e para o observador.

Sendo assim, a presença da boneca de papel no meu universo serviu como estímulo para um maior desenvolvimento do trabalho, indo além da simples representação da imagem da boneca. Faço escolhas mais conscientes acerca do desenho e recortes, a depender das experiências e resultados que busco, fazendo relações mais profundas, portanto utilizo o referencial da boneca para transmitir narrativas, usando o papel como base, dando forma a novos tipos bonecas em papel.

Segundo Janet Donaldson, a boneca, em suas diferentes formas e modelos é um objeto de identificação, com valores humanos que refletem as singularidades do imaginário das pessoas, podendo se manifestar em trabalhos artísticos pessoais e também com relação a interação com o espectador:

A boneca, imbuída com atributos humanos, revela evidências sobre interações pessoais e sociais, e contribui para o entendimento da interação entre criatividade e identidade. (2011, p. 1, tradução nossa)

Dessa forma, a boneca, assim como o brinquedo, se compõe em meu repertório não só como uma referência inconsciente, é um vínculo, uma identificação que me possibilita demonstrar nos trabalhos a minha individualidade e também estimular o imaginário de quem observa.

Logo, busquei por artistas que me instigassem em relação à boneca como um objeto de expressividade. A artista americana Emily Winfield Martin demonstra em sua produção a mistura do mundo infantil com um nostálgico mundo adulto, e, dentro desse contexto, é autora de um livro ilustrado de bonecas de papel composto de cerca de vinte personagens com suas próprias características e roupas para recortar e vestir, assim como cenários e bases de bonecas nas quais o espectador pode recriar em cima (Fig. 14). Martin cria universos, dá nomes e histórias às personagens, dando a ideia de proximidade e de um mundo próprio, como eu mesma faço, quando as meninas retratadas aparecem de maneira repetida e acabo dando nomes ou personalidades a elas. É uma representação da boneca de papel nos dias atuais, pondo em questão, com a sua riqueza de detalhes, o possível *status de* objeto de coleção, para além do de brincar e recortar, ganhando uma qualidade artística. Portanto, a artista é um grande referencial, norteando-me a atribuir ainda mais detalhes na concepção visual e poética dos meus trabalhos artísticos.



Figura 14: Parte do livro *The Black Apple's Paper Doll Primer*, de Emily W. Martin.



Figura 15: Cindy Sherman, *Dolls Clothes*, vídeo, 2min 22seg, 1975. Fonte: <http://www.tate.org.uk/art/artworks/sherman-doll-clothes-t12571>.

Considerando o possível *status* da boneca de papel como objeto artístico, ela também pode ser um referencial para explicitar a autorrepresentação e a identidade, como pode ser visto no vídeo *Dolls Clothes* (Fig. 15), de Cindy Sherman, trabalho este produzido quando a mesma ainda era estudante universitária, porém, apenas divulgado vinte e nove anos após a sua criação, no ano de 2004. Sabemos que o trabalho de Cindy

Sherman, até a sua produção atual, é considerado referência no que se trata de identidade feminina e representação no retrato, e esse trabalho antigo não é diferente, mostrando essas características no início de sua trajetória, utilizando, no entanto, a boneca não apenas como uma temática, mas como um meio de reforçar determinadas ideias, em conjunto com uma experimentação com a fotografia, o recorte e a animação:

A escritora e curadora Catherine Morris analisou *Dolls Clothes* no contexto da carreira subsequente de Sherman: 'Em vez de fazer um vídeo onde ela de fato aparece, Sherman escolheu fazer um vídeo *sobre* representações fotográficas dela mesma em limitados momentos de movimento. A remoção de si própria como motivo enquanto mantém o seu corpo como pano de fundo para uma construção imaginária que caracteriza o seu trabalho mais maduro começou ali. (MORRIS, 2005, p. 11, apud MARTIN, 2014, *on-line*, tradução nossa)

Experimentar através da boneca de papel é, portanto, complementação de um mundo íntimo. Em minha produção, percebo isso como um espelhamento do meu universo, para tratar sobre a minha identidade, uma espécie de autorretrato. Mesmo fazendo paralelos com questões sobre as minhas vulnerabilidades, a imagem da boneca e do mundo feminino não é algo inferior, e sim uma força. As fragilidades do papel e da boneca representam um forte sentimento, e não uma ideia de que a mulher é frágil e delicada. Pelo contrário, o que sinto como mulher é algo impactante e que ficava guardado em minha mente. Utilizando a boneca como um meio de expressão, posso explicar e compartilhar esses sentimentos: as minhas bonecas de papel são meios para representar ideias através de experimentações variadas.

Também encontro estímulos quanto aos experimentos e cruzamentos de mídias, não necessariamente ligados às questões da boneca, como o trabalho de William Kentridge baseado no conceito do zootrópio. “Zootrópico é um aparelho antigo que se constitui de um cilindro giratório com perfurações, no qual são colocadas várias figuras que, olhadas através de fendas, dão ao espectador a impressão de ver uma única figura animada” (MICHAELIS, 2018) (Fig. 16). Kentridge tecnicamente se utiliza de papéis rasgados e representa um corpo humano a partir disso e depois simula um movimento de giro, estimulando a pensar acerca do vídeo e sobre como estabelecer, ou não, ciclos através da mistura de linguagens. O artista também



Figura 16: *William Kentridge, Slow Quick Quick Slow [Lento rápido rápido lento] fragmentos de estúdio de The Refusal of Time [A recusa do tempo], 2012, vídeo, 7:31 min. edição: Catherine Meyburgh e Melissa Parry. Coleção do artista, cortesia de Marian Goodman Gallery, Nova York, Goodman Gallery, Johannesburg, e Galeria Lia Rumma, Nápoles e Milão*  
Fonte: catálogo William Kentridge: fortuna.

procura maneiras de como se inserir na obra e fazer-se presente para representar um conceito, uma ideia que também tento atingir nos vídeos e desenhos. Com Kentridge, o trabalho deixa de ser apenas papel: vai além, é uma reflexão do próprio artista.

Os estímulos da infância e do mundo artístico constituem esse universo que considero tão importante: acredito que essas combinações foram, ao longo do tempo, agrupando e complementando a personalidade e intimidade que já inseria em meus trabalhos. Dessa maneira, considero que me aproprio de pequenos elementos e detalhes para construir um mundo em miniatura em desenho, papel e vídeo.



## Sobre imaginações e processos

Ao imaginar um universo íntimo, mergulho nas experiências acerca da narrativa e da materialidade, transpondo desenho, vídeo e fotografia em meu processo criativo. Ao começar este trabalho pensava diferente, pretendendo mantê-lo apenas no campo do desenho, no entanto, foi através dele mesmo que comecei a refletir sobre como imaginar em cima da minha produção: por meio de uma boneca de papel simples, mas que pensei em cortar a cabeça (Fig. 17).

*Valentina* é uma personagem singela, mas uma representação de mim mesma, aparecendo em vários momentos da minha vida e, neste trabalho, aparece em diferentes formas, como menina e também bruxa (Fig. 18 e 19). Foi o primeiro objeto que, mesmo tão delicado, decidi interferir sobre. Pensei no momento de sua criação que havia muitas coisas na minha mente e, após remover a cabeça da figura, criei alguns vídeos experimentais (Fig. 20 e 21) para entender essa interação. Fiz outras ações, removendo os braços e pernas. O rasgo é incontrollável e o papel, por sua vez, resiste... Apesar dos receios, foi necessário encarar o medo de *machucar* o desenho. Em alguns trabalhos, faço essa escolha de afetar o original diretamente, enquanto em outras experiências decido atuar sobre a impressão: são de fato decisões, dependendo dos meus sentimentos, do que desejo expressar e também da quantidade de detalhes do original. São questões íntimas que mudam a cada trabalho novo.



Figura 17: Jaqueline Buchabqui, *Valentina perde a cabeça e se faz em pedaços*, grafite sobre papel, 14 x 19 cm, 2018.



Figura 18: Jaqueline Buchabqui, *Valentina e o Fogo (detalhe)*, 2018.  
Fotografia por Brenda Maciel.



Figura 19: Jaqueline Buchabqui, *Valentina recortada (detalhe)*, 2018.  
Fotografia por Brenda Maciel.

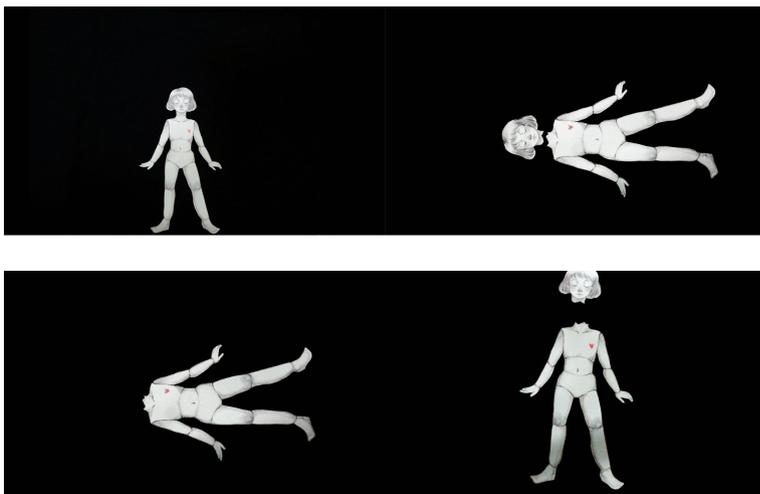


Figura 20: Jaqueline Buchabqui, *Valentina perde a cabeça II*, vídeo, 25seg, 2018.  
Disponível em: <https://youtu.be/K2qusVKE718>

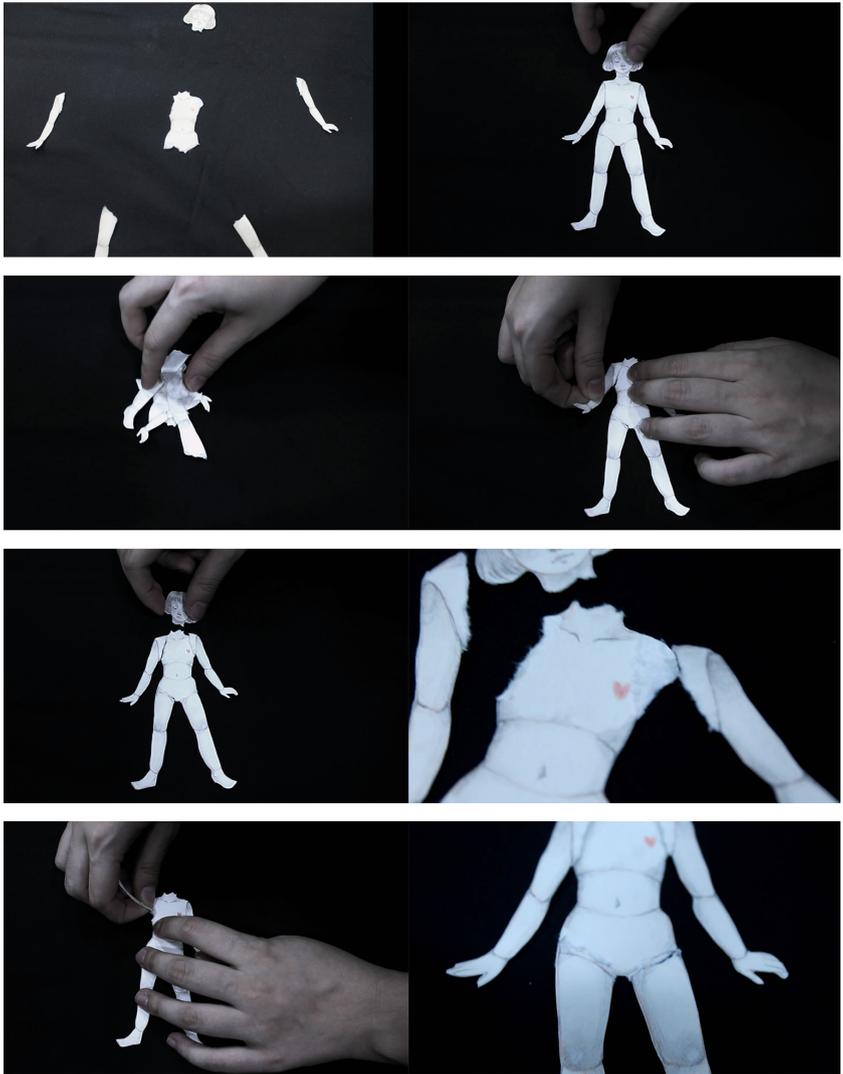


Figura 21: Jaqueline Buchabqui, *Valentina se faz em pedaços*, vídeo, 2min 47seg, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/GtnogNaEhD8>

Percebo que meu trabalho toca a autobiografia, refletindo de várias maneiras: a aparência e alter egos das bonecas, ou mesmo a minha personalidade mais observadora e quieta, mas que aflora nos momentos certos, através da sensação de leveza das linhas tênues, dos sentimentos e ideias que estão no interior, dos quais não falo, mas que surgem por meio do desenho e dos vídeos subsequentes. Dessa maneira, crio um espelhamento dos meus sentimentos através da imagem da boneca, conforme cita Gilles Brougère: "A boneca representa diversos espelhos, a tal ponto que a metáfora se quebra em mil estilhaços" (BROUGÈRE, 2004, p. 39).

Por consequência, consigo imaginar e representar sentimentos que, embora parecidos, são diferentes e habitam em conjunto na minha mente. Também utilizando a figura do eu, apresento um desenho onde recorto os membros em frente a câmera, como se fosse uma continuidade do trabalho onde rasgo o papel (Fig. 22). Um sentimento de desmonte, mas mais organizado, retratado através do corte visível e direto sobre o desenho original. Em contrapartida, ateei fogo sobre uma ilustração de uma boneca de um alter ego de bruxa, na qual também foi necessário desenhar as roupas e acessórios para contextualizá-la como tal. A roupa só está presente dentro de um contexto, quando é importante para simbolizar algum conceito. Tendo essa representação tão detalhada, decidi não atuar diretamente sobre ela, e sim sobre a cópia impressa, possibilitando contrastar as duas ao expô-las e registrar o dano em vídeo (Fig. 23 e 24). Mesmo manipulando os materiais de ma-

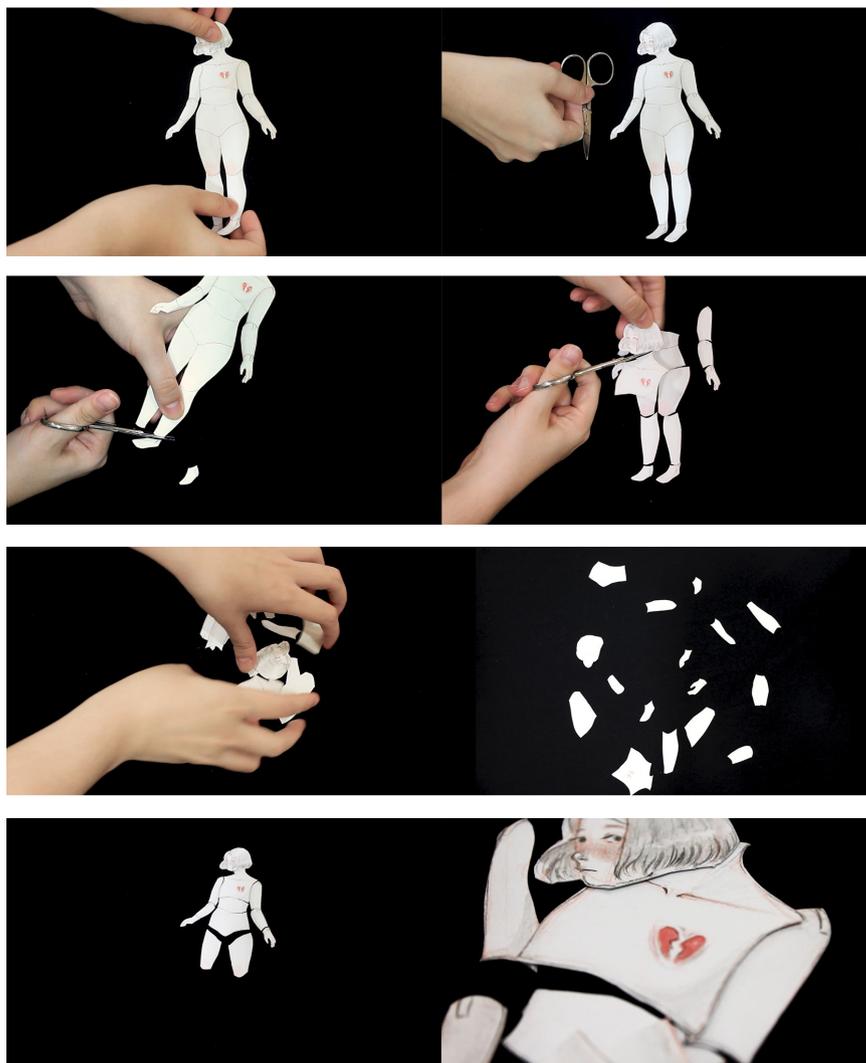


Figura 22: Jaqueline Buchabqui, *Valentina recortada*, vídeo, 3min 51seg, 2018.  
Disponível em: <https://youtu.be/aw195e15arY>



Figura 23: Jaqueline Buchabqui, *Valentina e o Fogo*, grafite sobre papel e impressão sobre papel couché, 18 x 24 cm cada, 2018.



Figura 24: Jaqueline Buchabqui, *Valentina e o Fogo*, vídeo, 6min 38seg, 2018.  
Disponível em: <https://youtu.be/iyYWNrcRtug>

neira tão intensa, com o fogo ou recortando, consigo evidenciar diferenças, mas também conectar os trabalhos. Agir fisicamente sobre o papel e a boneca possibilita conectar-me com eles:

Transformando-se, a matéria não é destituída de seu caráter. Pelo contrário, ela é mais diferenciada e, ao mesmo tempo, é definida como um modo de ser. Transformando-se e adquirindo forma nova, a matéria adquire unicidade e é reafirmada em sua essência. (OSTROWER, 1987, p. 51)

Embora *Valentina* seja a boneca que tem maior significado por ser assemelhar visualmente à minha pessoa, não é a única que tem nome, não é a única que penso carregar parte de minha personalidade. Quando expresso intimidades através do desenho como, por exemplo, a sensação de flutuação ou afogamento em *Nana e Sofia* (Fig. 25, 26 e 27), interajo com esses conceitos nos vídeos manifesto pequenas emoções que tenho. Nana e Sofia são uma dupla de bonecas-sereias que funcionam juntas e separadas. Foram desenhos que achei tão delicados que decidi não interferir nos originais, e, pelo contrário, mostro também o contraste entre o original intacto e o impresso que foi brincado e deixado na água, como muitas vezes as crianças fazem com brinquedos, principalmente com as bonecas que representam sereias.

O uso da aquarela, para mim, cria uma sensação calma e leve, que complementa as figuras sutis que desenho. A água com a tinta, reagindo ao papel, me proporcionou também a experiência da escolha do papel, que requer prática e percepção, pois alguns tipos podem romper em contato com a água, enquanto outros não são tão frágeis quanto parecem. Sendo



Figura 25: Jaqueline Buchabqui, *Nana*, grafite e aquarela sobre papel e impressão sobre papel couché, 18 x 24 cm cada, 2018.



Figura 26: Jaqueline Buchabqui, *Sofia, sereia*, grafite e aquarela sobre papel e impressão sobre papel couché, 24 x 33 cm cada, 2018.

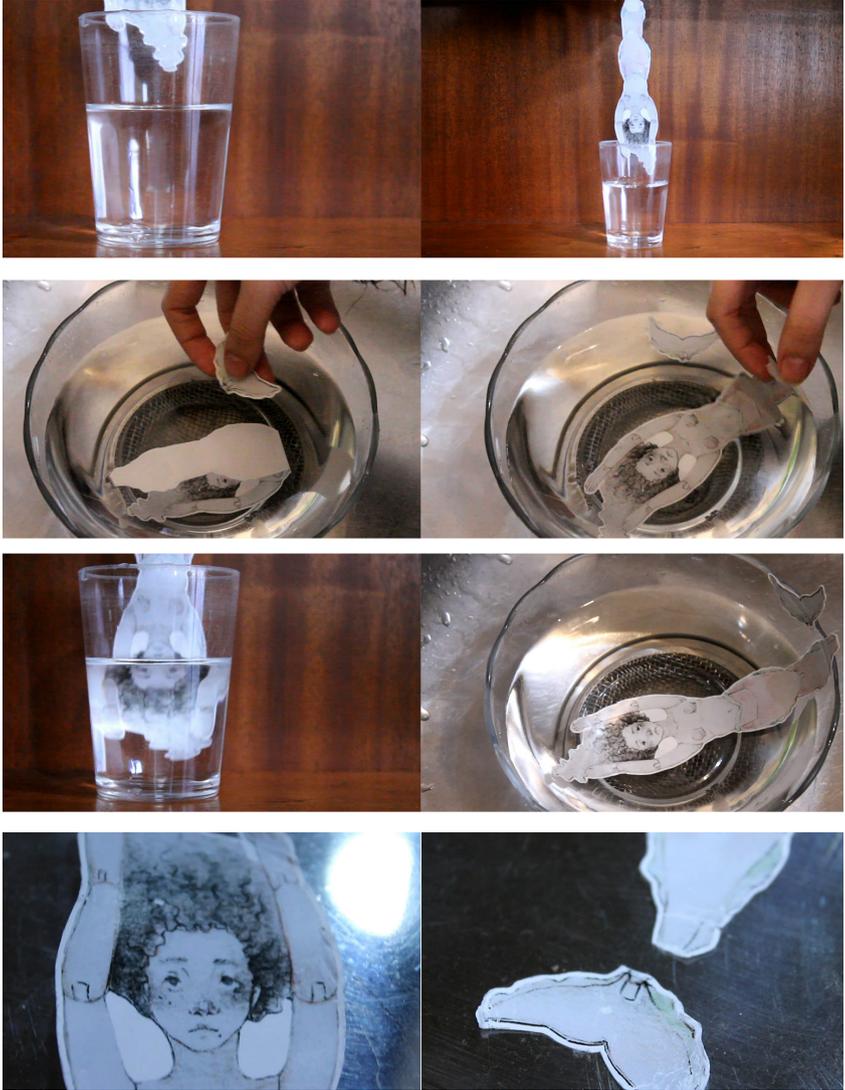


Figura 27: Jaqueline Buchabqui, *Sofia*, vídeo, 2min 9seg, 2018.  
Disponível em: <https://youtu.be/qpU3Txu-PQU>

assim, faço essa complementação com o uso da aquarela e de lápis aquareláveis na atmosfera do desenho, contrastando com a materialidade do papel, em contato com a água, me permitindo sonhar acima das simbologias, assim como descreve Bachelard em “A água e os sonhos”:

Na cosmologia do sonho, os elementos materiais permanecem como elementos fundamentais. (...) As imagens da água, nós as vivemos ainda, vivemo-las sinteticamente em sua complexidade primordial, dando-lhes muitas vezes a nossa adesão irracional. (1989, p. 5-8)

Minha maneira de trabalhar com a aquarela é semelhante à do grafite, com gestos leves e lentos, fazendo sobreposições. Logo, faço finas camadas, veladuras, que resultam numa paleta de cores pastéis. Utilizo poucas cores nas figuras humanas – o cinza do grafite e às vezes um tom rosado para pele –, no entanto, atribuo cor a determinados elementos ou roupas que pretendo destacar, trazendo a tona que esses elementos são independentes, porém importantes, simbolizando algo, como ter um pequeno coração, uma alma, como em *Vazio* (Fig. 28), onde destaco a presença desse elemento através do uso do vermelho. Também com a cor, principalmente vermelha ou rosada, represento elementos como o sangue, que na verdade é um ressentimento (Fig. 29 e 30). Essas adições de cores e elementos também destacam as interferências e experimentações que realizo nos vídeos, tornando a interpretação dos mesmos mais perceptíveis. Dessa maneira, indico, através do desenho e de seus detalhes sutis, para onde lançarei as minhas

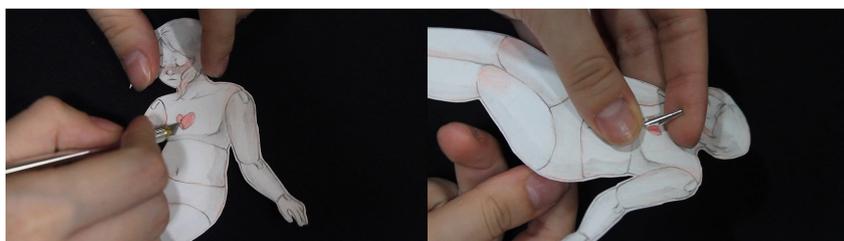


Figura 28 : Jaqueline Buchabqui, *Vazio*, vídeo, 2min 7seg, 2018.  
Disponível em: <https://youtu.be/nPolo4oDzSk>



Figura 29: Jaqueline Buchabqui, *Machucado*, grafite e aquarela sobre papel, 18 x 24 cm, 2018.

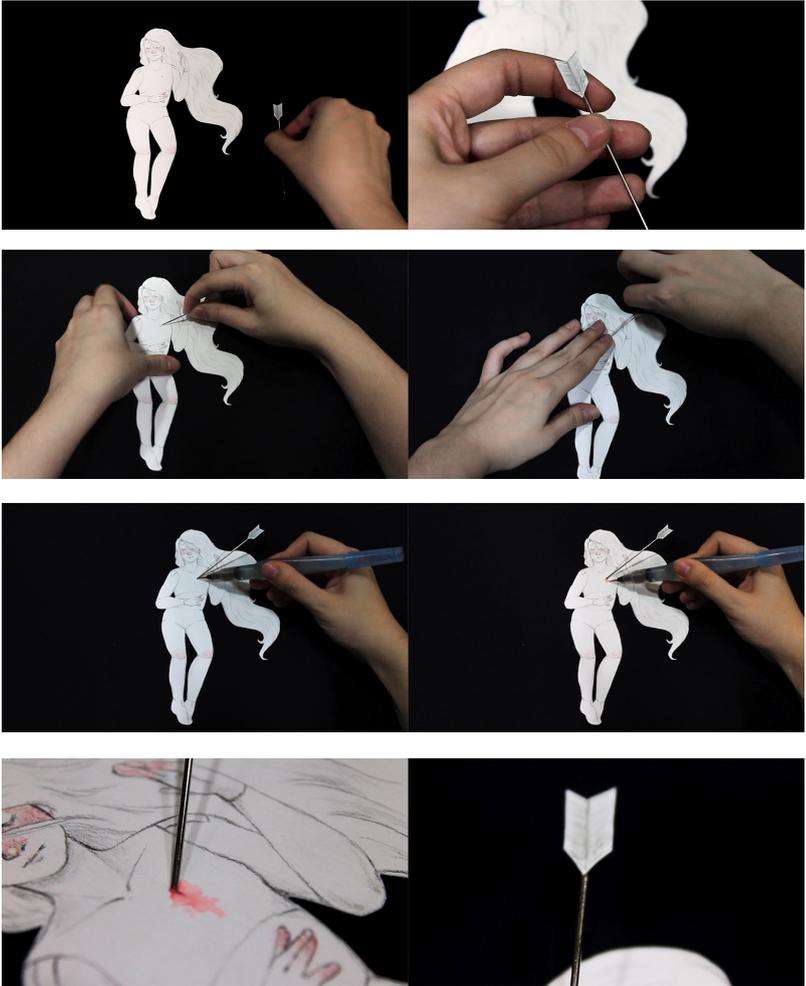


Figura 30: Jaqueline Buchabqui, *Machucado*, vídeo, 2min 57seg, 2018.  
Disponível em: [https://youtu.be/ns5s8l2\\_nU](https://youtu.be/ns5s8l2_nU)

ações inventivas: “Podemos estabelecer ordenações novas, dar forma aos fenômenos, dar significados, pois ao criar sempre delimitamos” (OSTROWER, 1987, p. 149).

Tendo em vista esse direcionamento para as intervenções no papel, também utilizo em vídeo outros indicativos das ações, como os cenários cotidianos que compõem a ambientação e também outros pequenos objetos de uso diário, como o estilete e a agulha, que representa uma lança, nos trabalhos citados no parágrafo anterior. A agulha também aparece em Diana (Fig. 31), mas como o objeto usual de costura, experimentando bordar e costurar em papel, criando o conceito de uma boneca suturando o peito aberto, pensando sobre sentimentos que estariam sendo resolvidos (Fig. 32). Evidenciar esse fechamento através da metáfora da costura é importante pois muito já utilizei a linha de bordado em trabalhos antigos e também pela importância desse ofício em minha vida. A costura e o bordado são hobbies que desenvolvi durante a vida, observando a empresa da minha família, uma pequena confecção, fazendo crescer o meu interesse por maneiras de me expressar com linhas e agulhas.

O bordado é, então, uma maneira delicada de expressão, como no trabalho de Leonilson (Fig. 33), onde o mesmo explora essa e outras técnicas para representar intimidades emocionais. Acredito que os experimentos materiais de Leonilson, assim como a sutileza dos seus desenhos se aproximam do meu processo, instigando-me a pensar nos possíveis desdobramentos na materialidade desse e de outros trabalhos.



Figura 31: Jaqueline Buchabqui, *Diana*, grafite e linha sobre papel, 14 x 19 cm, 2018.

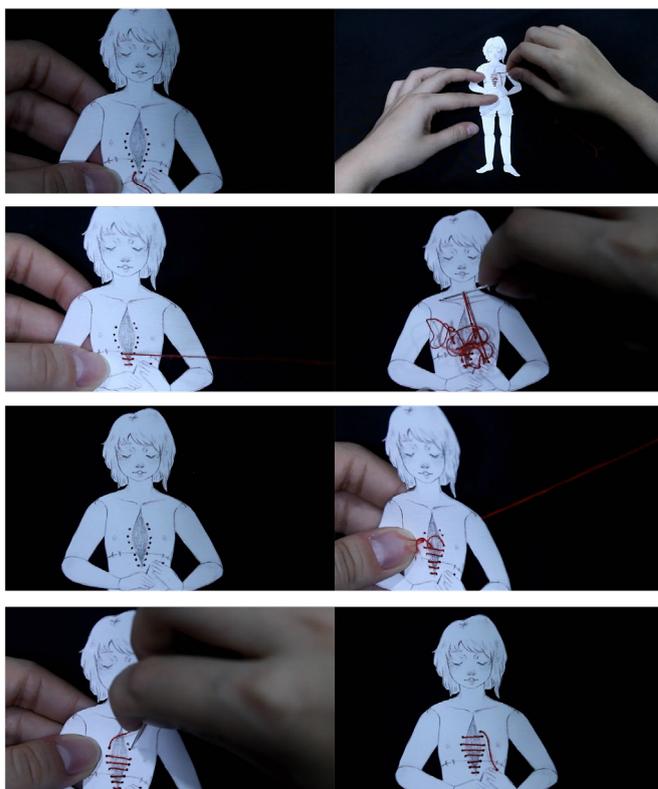


Figura 32: Jaqueline Buchabqui, *Diana*, vídeo, 1min 48seg, 2018.  
Disponível em: <https://youtu.be/dcRFvIXQaHE>

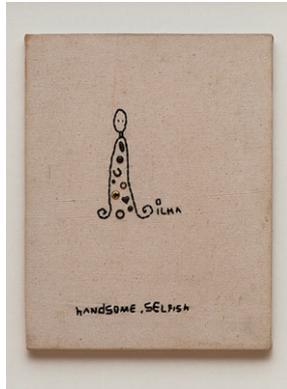


Figura 33: Leonilson, O Ilha, bordado sobre tela com aplicação de metal, 1990.  
Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras58463/o-ilha>

Através da minha pesquisa sobre bonecas de papel como um objeto artístico, descobri a possibilidade de criar bonecas articuladas que pudessem ser manipuladas por mim. Busquei por colchetes pequenos o suficiente para o tamanho dos meus trabalhos, e produzi algumas experimentações com esse novo material. As ideias com bonecas de papel articuladas, no entanto, não demonstram interações tão explícitas sobre o papel, pois propõem uma narrativa diferenciada: a articulação dá uma ideia de movimento.

No primeiro experimento com os colchetes (Fig. 34 e 35) as ações serviram para eu mesma entender o funcionamento das articulações, e através dessa experimentação descobri que o grafite se apaga sutilmente por causa do toque no papel, o que já quer dizer que estou lidando materialmente com o trabalho. A ação material é o toque da mão, que nem sempre é registrado pela câmera, sendo evidenciado principalmente nos

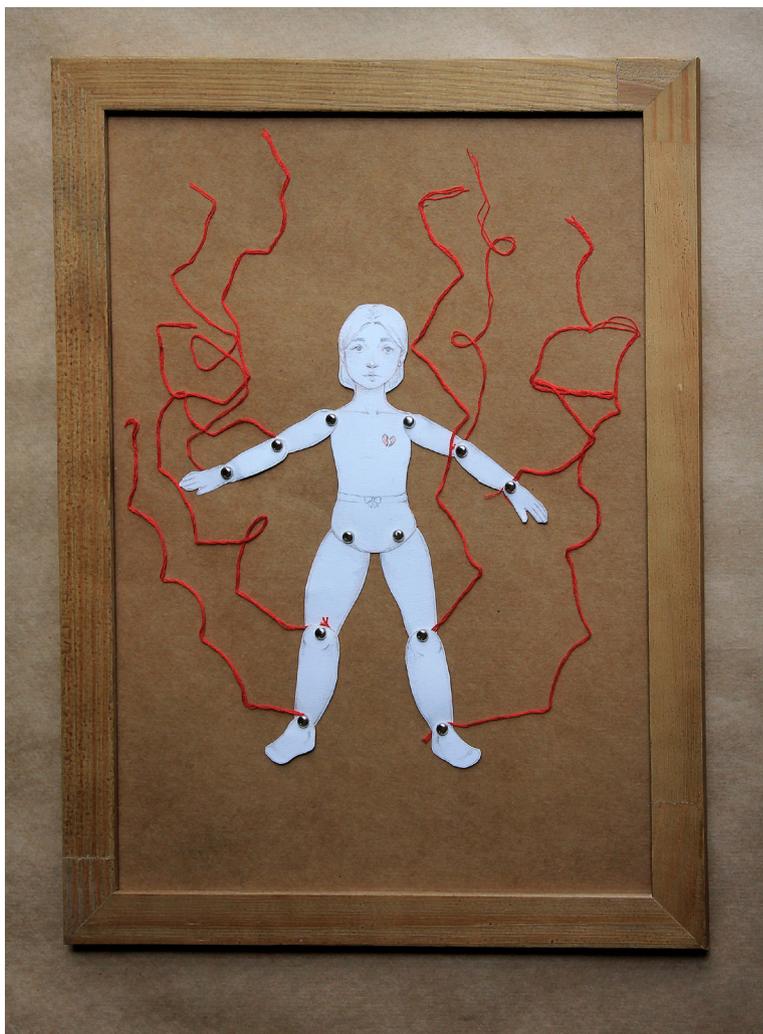


Figura 34: Jaqueline Buchabqui, *Marionete*, grafite, colchetes e linha sobre papel, 24 x 33,5 cm, 2018.

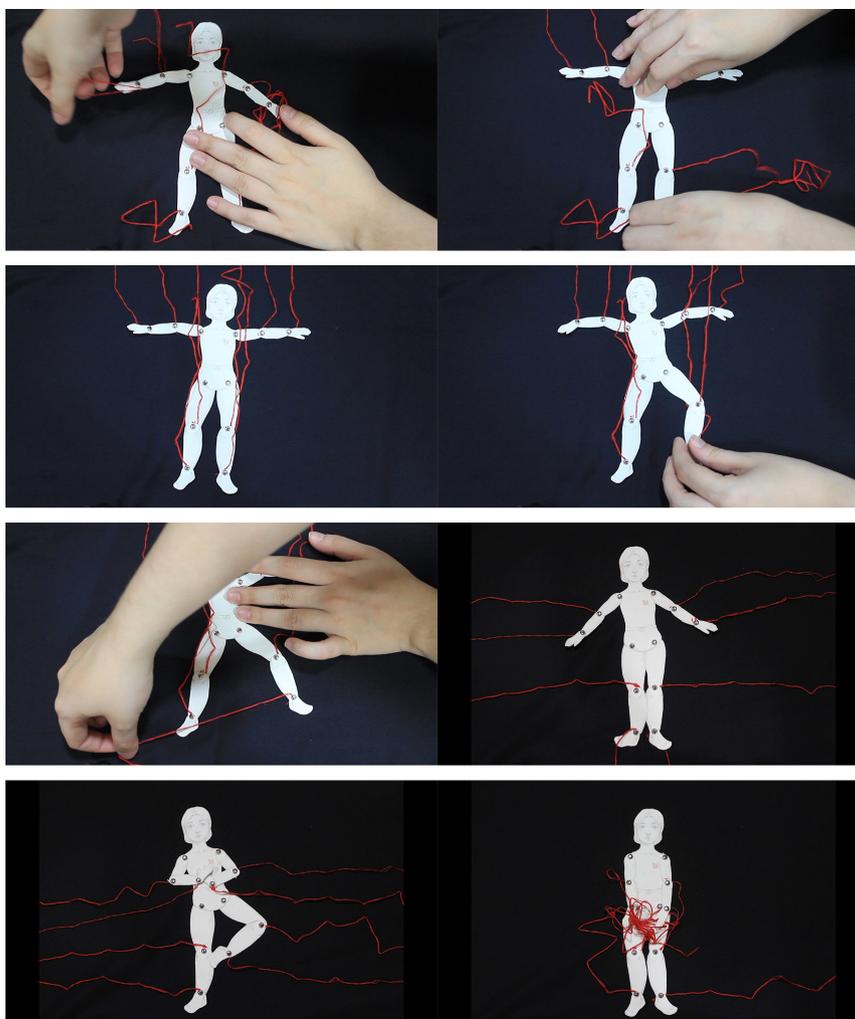


Figura 35: Jaqueline Buchabqui, *Marionete*, vídeo, 4min 39seg, 2018.  
Disponível em: <https://youtu.be/R-T1CROaXVg>

momentos em que coloco a boneca em frente ao vídeo, mostrando ali as minhas mãos. Dessa maneira, a boneca articulada abre margem para a criação de vídeos em *stop motion*, onde a mão do manipulador do objeto não aparece, pois as articulações são muito frágeis de manusear. Logo, deixar as minhas mãos a mostra no momento do gesto nem sempre é possível, pois pode tirar a coerência dos movimentos que quero fazer e da leveza dos próprios desenhos, como em *Cecilia* (Fig. 36 e 37) e *Rosas e Espinhos* (Fig. 38 e 39). Ao editar os vídeos, removo também os gestos que considere mais incoerentes para o caso dos movimentos da dança e para os sentimentos que queria expressar através do gesto de entregar a rosa, que acaba consumindo a personagem em questão. A edição, portanto, permite, que eu ambiente as minhas criações, levando a expressão do vídeo mais além do campo da realidade, de acordo com o que pontua Gaston Bachelard: “O sonhador faz correr ondas de irrealidade sobre o que era o mundo real” (1960, p. 121-122).

Atribuo toda essa coerência pela narrativa que desenvolvo em minha mente e em esboços preliminares (Fig. 40), mas também me permito ao erro e imprevisibilidade decorrentes do processo. Desse modo, consigo brincar com os meus trabalhos e dar oportunidade ao inesperado. As bonecas se tornam meus próprios brinquedos e plataformas para jogar com a materialidade: “Na verdade, a brincadeira dá testemunho da abertura e da invenção do possível, do qual ela é o espaço potencial do surgimento” (BROUGÈRE, 2004, p. 106).



Figura 36: Jaqueline Buchabqui, *Cecilia*, grafite, aquarela e colchetes sobre papel, 18 x 24 cm, 2018.

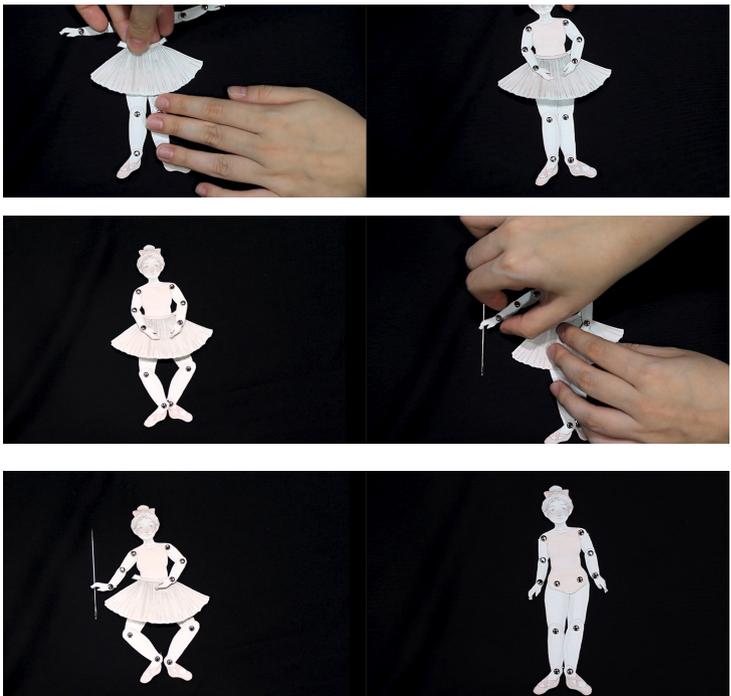


Figura 37: Jaqueline Buchabqui, *Cecilia*, vídeo, 1min 56seg, 2018.  
Disponível em: <https://youtu.be/sTyuO2aa3po>



Figura 38: Jaqueline Buchabqui, *Rosas e Espinhos*, grafite e aquarela sobre papel, 33,5 x 24 cm, 2018.

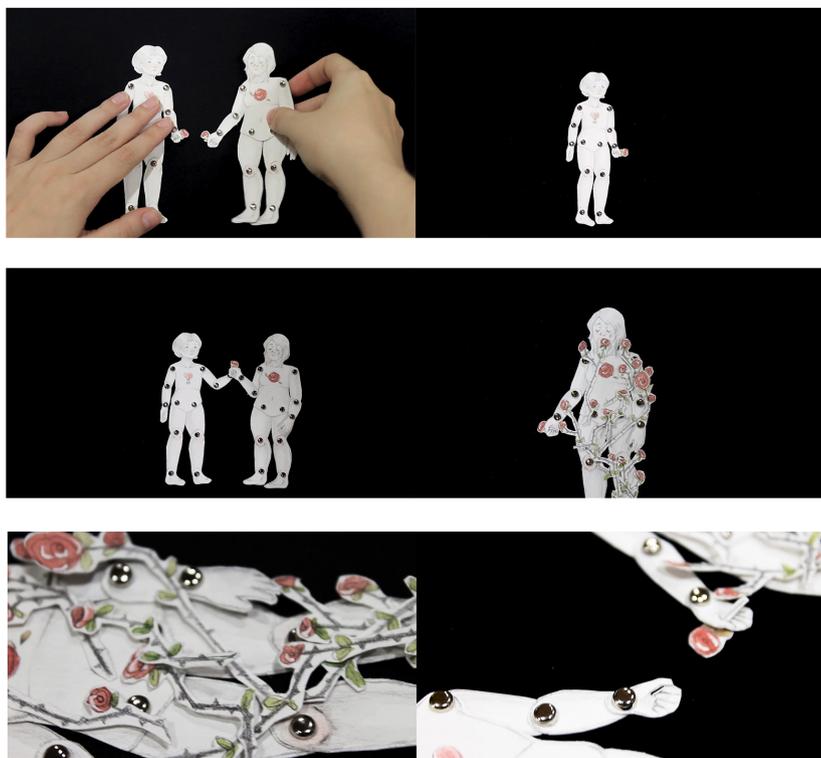


Figura 39: Jaqueline Buchabqui, Rosas e Espinhos, vídeo, 2min 14seg, 2018.  
Disponível em: <https://youtu.be/obiO2Zz8f5E>

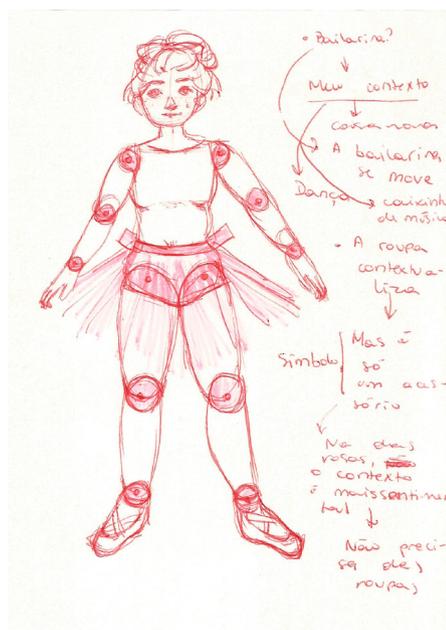


Figura 40: Jaqueline Buchabqui, *Cecilia (projeto)*, caneta sobre papel, 14,8 x 21 cm, 2018.

Mesmo assim, faço em todas as bonecas articuladas a combinação das mãos tocando o objeto, e das bonecas se mexendo sozinhas quadro a quadro. Através do material novo – os colchetes – crio uma nova abordagem, onde as ações não precisam ser tão intensas, pois a presença da articulação já é um detalhe forte o suficiente, dando uma autonomia maior aos objetos. As articulações estão ali para incidir uma ação física sobre a posição e movimento da boneca de papel, resultando em ações diferentes das que faço nas outras bonecas, porém igualmente importantes para o desenho não ser mais estático e extrapolar a simplicidade da forma. Deixar de ser apenas um desenho, se tornar uma ação sobre o papel.

Nessa nova fase também utilizei a fotografia como uma nova linguagem para transpor com o desenho e o vídeo. Utilizo

fotografias como fundo de dois trabalhos (Fig. 41 e 42), sendo essas registros do meu cotidiano, acentuando a ambientação do meu “Universo próprio”. Novamente me abro a novas experiências sem perder a essência original, e ainda fazendo um cruzamento de mídias, que possibilita outras abordagens acerca da materialidade do papel, no caso impresso.

Posso novamente brincar com a água em contato sobre o papel, criando uma narrativa diferente à das sereias, no ato de uma boneca que recolhe roupas do varal, sendo interrompida pela água. Jogo com o fundo fotográfico onde a boneca é colocada, e ambos compõem o “resto” da minha intervenção. Brinco novamente com o cenário do ralo e também com o varal da minha casa intencionalmente, mostrando bem os traços de um dia a dia na câmera, contrastando em tamanho com o desenho. Tanto as minhas mãos quanto a matéria que utilizo para interagir com o desenho representam narrativas que compõem o meu mundo. Trato aqui sobre a inevitabilidade de certos acontecimentos: a água atingirá os objetos, e é necessário lidar com este fato. Tempestades são inevitáveis. É uma ideia mais suave e menos obscura que antes, em paralelo com o momento que estou vivendo. Ser atingido pela água pode ser um sinônimo de evolução e crescimento: “No tocante ao meu devaneio, não é o infinito que encontro nas águas, mas a profundidade” (BACHELARD, 1989: 9).

Utilizar essa mídia como fundo, permite, portanto, realizar as mesmas ações tanto no desenho quanto na fotografia. Repito as ações, criando uma unidade, sem cansar o especta-



Figura 41: Jaqueline Buchabqui, *Aurora*, grafite e aquarela sobre papel e impressão em papel sulfite, 18 x 24 cm cada, 2018.



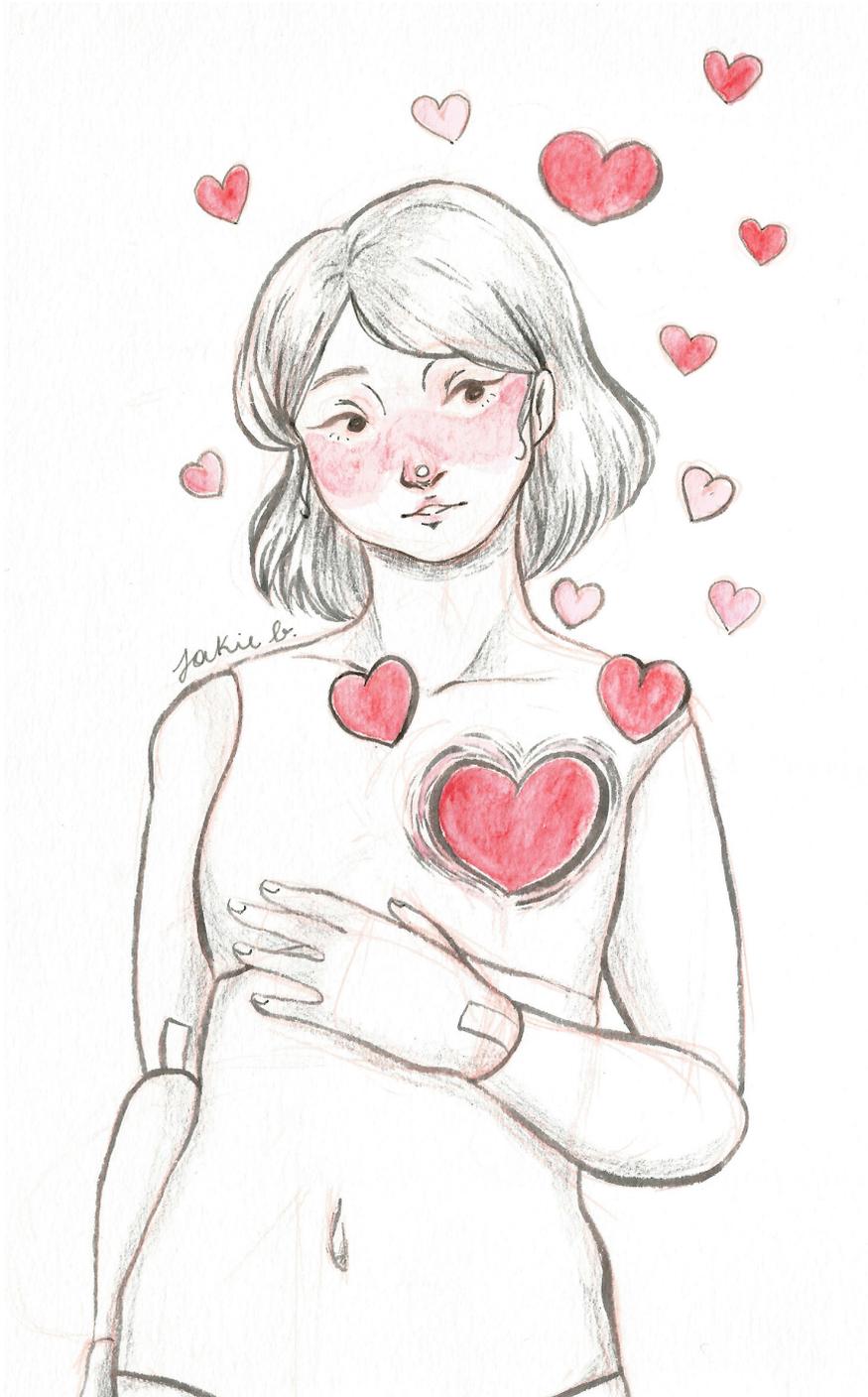
Figura 42: Jaqueline Buchabqui, *Flor do dia*, grafite e aquarela sobre papel e impressão em papel sulfite, 18 x 24 cm cada, 2018.

dor, convidando-o a compreender o que sinto, representado através dos meus jogos com os materiais. Manifesto, ao amarrotar o papel (Fig. 43), que há angústia, mas que também há paz, que o sofrimento é momentâneo, pois um desenho tão delicado, dormindo com as flores, vai ser enfim desamassado, contrastando com o original intacto. Utilizo o papel como esse meio de expressão dos sentimentos e vulnerabilidade, mas também para explicitar o quanto é um material que possibilita muito além de uma simples superfície para o desenho e aquarela.

Criar materialmente faz, portanto, parte do meu processo, que se solidificou no decorrer do mesmo. Ao jogar com os diferentes recursos do desenho, fotografia e vídeo, construí a minha própria brincadeira e utilizei a dialética com a boneca de papel para resgatar sonhos tanto meus quanto de quem observa. Após expor aqui como cada criação teve um processo que estimulou o próximo, mostrarei também como o brincar na arte, estimulado por esse resgate de lembranças, é importante para o processo e resultados do meu trabalho, assim como para a minha individualidade como artista que joga e retoma um mundo infantil, sem rejeitar o mundo adulto, trazendo para minha produção a essência do meu próprio universo.



Figura 43: Jaqueline Buchabqui, Flor do dia, vídeo, 2min 32seg, 2018.  
Disponível em: [https://youtu.be/gxMNYxI\\_74c](https://youtu.be/gxMNYxI_74c)



## Sobre jogos e brincadeiras

A boneca de papel, neste trabalho, ganhou um novo status, o de boneca-arte, objeto cuidadosamente selecionado e manipulado, que recupera lembranças. É um objeto a ser colecionado e brincado por mim, a artista que cria e manipula os objetos e a matéria. Penso, então, sobre como será brincado, como será documentado e como será exibido para o público. Ganha seu status de arte ao ser exposto e ganha seu status de brincadeira pela dialética com os brinquedos, mas também pela escolha que fiz ao jogar com os elementos dos brinquedos e sua materialidade como arte. André Comte-Sponville escreve que a arte é uma nostalgia que resgata a esperança de um sonho perdido, assim, posso resgatar esse sonho através do meu jogo artístico-infantil: “A arte é a nostalgia do que ela mesma tem em mira, a esperança do que perdeu. Seu fim é sua origem. Sua finalidade última é seu começo” (1997, p. 279).

Busco também que o observador possa se identificar, tanto por aspectos sutis – a expressividade –, quanto por aspectos mais metafóricos e materiais – os conceitos e a questão da boneca de papel. Conforme já mencionei no capítulo anterior, privilegio algumas concepções dentro do processo, com jogos de figuras, formas e ações, formulando conjuntos até sentir que esgotei possibilidades, o que não significa necessariamente que não voltarei a interferir sobre o trabalho futuramente. Funciona como uma maneira de exteriorizar, minhas emoções internas, e a partir desses conjuntos, formo uma coleção, como se fossem

objetos a serem guardados, uma concepção de montar, brincar e colecionar essa produção, para que o mundo externo possa ver e talvez partilhar desse desejo.

Sendo assim, o espectro da boneca e dos brinquedos é recriado e revivido no meu mundo lúdico como artista, despertando memórias em mim e podendo também suscitar sentimentos semelhantes em quem observa, conforme cita André Comte-Sponville: “o artista brinca de se tornar o que é (ou será...) voltando a ser o que era. Ele proporciona magicamente um futuro viajando no passado” (1997, p. 270). O convite à contemplação pelo espectador e compartilhamento do desejo, do sonho e da nostalgia é também um modo do espectador participar desse jogo, à minha maneira.

Eu circulo entre o mundo infantil e o mundo adulto, brinco com a minha infância sem renunciar o crescimento ao expor ações e temáticas infantil de uma forma mais delicada, introspectiva e sensível. Continuo jovem, na minha infância, em meu próprio mundo das bonecas, fugindo da realidade, porém ainda aspirando pelo meu desejo de ser adulta. E assim preservo os meus desejos de criança, dentro da minha própria arte e nos meus jogos como artista e criadora:

[...] o artista, ao contrário, têm êxito nessa proeza de continuar a ser criança sem renunciar a crescer, isto é, de preservar tudo da infância, inclusive essa aspiração a idade adulta. O artista é aquele que não trai nada da sua infância, nem mesmo a vontade de sair dela. (COMTE-SPONVILLE, 1997, p. 267)

A minha produção, que é consequente dos meus conceitos e ações materializantes, age, portanto, como uma substi-

tuição, fecha um vazio do coração, que provém principalmente da recordação e saudade dos tempos de infância (Fig. 44). O jogo que compõe o processo criativo faz expandir por meio da presença emocional e material da infância e também como lembrança de que sou uma artista adulta, que necessita dessas ações para fazer durar a infância em mim, e também nos espectadores adultos. A minha maneira de criar atual faz eternizar em mim o mundo infantil, faz surgir desejos e lembranças no público, faz durar a infância em todo nós:

A obra de arte é “uma continuação e um substituto do jogo infantil de outrora”. Mas o jogo pode nos ensinar mais, por sua dupla função que voltaremos a encontrar na arte: ele é ao mesmo tempo domínio da ausência e criação de uma presença. O aspecto criativo é o mais manifesto. (COMTE-SPONVILLE, 1997, p. 269)

O ato da brincadeira ao produzir é tão natural para mim que demorei muito tempo para perceber que esteve sempre presente em meus trabalhos, sendo no início, quando eu jogava com as imagens das personagens da minha idade infantil, seja com as primeiras bonecas de papel que eram apenas vestidas e enclausuradas, seja agora, com ações materiais que, em vídeo, são compartilhadas com o espectador, para serem observadas. Identificar a presença da brincadeira não torna o trabalho menos sincero, pelo contrário, dá a autonomia na realização dele e por consequência, uma consciência do que estou produzindo. Assim o trabalho continua leve, porém consciente, posso renovar as ideias com maior facilidade. Os atos continuam sutis e estimulam que o processo avance e dure no meu universo próprio, adulto e infantil.



Figura 44: Jaqueline Buchabqui, *Vazio (detalhe)*, 2018.  
Fotografia por Brenda Maciel.

Resgatar imagens da infância também é uma ideia de materialidade. A criança é um materialista nato, que sonha com as matérias orgânicas, com o tátil. Ao pensar em ações e imagens infantis – o brincar e a dialética do brinquedo –, como artista, materializo meus sonhos, mas em meu jogo de artista adulta, como expressa Bachelard:

Uma coisa é certa, em todo caso: o devaneio na criança é um devaneio materialista. A criança é um materialista nato. Seus primeiros sonhos são os sonhos das substâncias orgânicas." (1989: 9) (...) Horas há em que o sonho do poeta criador é tão profundo, tão natural que ele reencontra, sem perceber, as imagens de sua carne infantil. (1989, p. 10)

Os desenhos, são, então, o meu instrumento para brincar, o vídeo sendo um complemento para exibir esse jogo. No entanto, ao final de cada brincadeira, me deparo ou com os

restos, ou, na verdade, com o desenho já alterado, mesmo sutilmente, que coleciono com todo o cuidado e apresto no suporte que considero apropriados. Os fragmentos, os originais e as bonecas articuladas presas em uma pose ressaltam a conclusão daquela fase e a vulnerabilidade de encerrá-la, assim como indica a possibilidade de novos caminhos (Fig. 45). É uma exibição do que posso manter estático no processo, construindo uma vitrine para a minha coleção:

O jogo inicia-se e, em determinado momento, “acabou”. Joga-se até que se chegue a um certo fim. Enquanto está decorrendo tudo é movimento, mudança, alternância, sucessão, associação, separação. (HUIZINGA, 2014, p. 12)

As ações que realizo sobre as bonecas de papel são, portanto, uma maneira de retomar meu sonho da infância, buscando a origem e a lembrança dos mesmos. Posso exibir vulnerabilidades do meu ser e dar força a elas e ao mesmo tempo, tocar também no espectador através da nostalgia e vontade de participar desse jogo. Altero o mundo que me cerca para transformar no meu mundo interno, mas o compartilho com o observador, logo, a minha produção deixa de ser uma atividade solitária e melancólica:

[...] o processo de criar significa um processo vivencial que abrange uma ampliação da consciência; tanto enriquece espiritualmente o indivíduo que cria, como também o indivíduo que recebe a criação e a recria para si. (OSTROWER, 1987, p. 134-135)

Quando finalizo uma experiência, guardo a boneca, começo outra ideia, porém, registrar em vídeo eterniza a mesma e mantém o ciclo da minha produção e das imaginações e re-

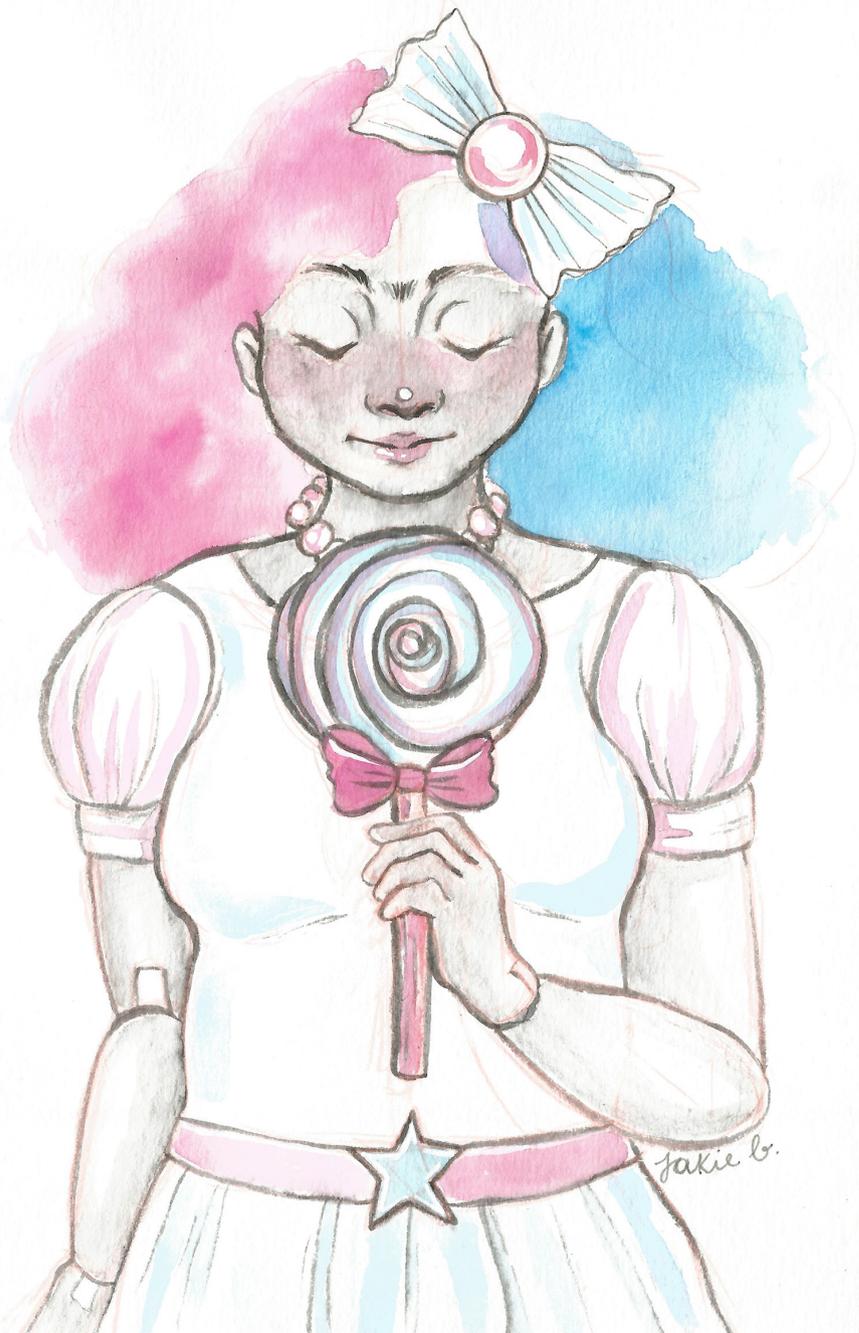
cordações decorrentes da mesma. São brincadeiras seguidas de brincadeiras. Compor o processo por inteiro, tocar a própria arte e alterar o registro são ações aparentemente simples, porém que instigam a criança dentro de mim. Logo, o presente trabalho continuará despertando questões, mesmo após a sua finalização. Mudar o meu mundo sempre será possível (Fig. 46).



Figura 45: Jaqueline Buchabqui, *Valentina e o Fogo (detalhe)*, 2018.  
Fotografia por Brenda Maciel.



Figura 46: Jaqueline Buchabqui, *Aurora (detalhe)*, 2018.  
Fotografia por Brenda Maciel.



- What are you waiting for?
- to regain hope.



## Considerações Finais

No início da minha trajetória artística desejava tocar questões mais íntimas do meu ser e dividi-las com outras pessoas, mas não sabia como. Acredito que, neste recorte, consegui falar sobre muitos sentimentos e compartilhá-los de uma maneira clara e acessível.

Meu processo foi vagaroso, porém suave, em meu próprio ritmo. Durante o ano de 2018, neste projeto, produzi treze trabalhos em desenho, sendo dois em conjunto com a fotografia, e quinze vídeos que serão exibidos em projeção e já estão disponíveis online. Creio que o resultado deste trabalho me possibilitou expandir o meu imaginário e, no decorrer do mesmo, encontrar novas maneiras de expor, displays diferentes e modos consistentes de expor a minha produção. Sendo assim, acredito que esse trabalho, embora finalizado, abre margem para novas oportunidades em minha carreira artística e acadêmica.

Produzir esse trabalho foi um desafio e o resultado inesperado e diferente do que havia imaginado, no entanto, de uma maneira muito positiva. Acreditava que dificilmente sairia do campo do desenho, mas surpreendentemente consegui transpor em diferentes linguagens e criar novas brincadeiras com o papel.

Buscar referências teóricas e artísticas para embasar o projeto também foi essencial. Algumas das referências citadas já estiveram presentes em outras confabulações sobre trabalhos antigos, no entanto, para o presente trabalho se tornar

mais sólido necessitei de novos referenciais teóricos e artísticos, que abriram ainda mais o meu leque de ideias. Essas influências, em conjunto com os outros estímulos das minhas vivências pessoais, fortaleceram o meu trabalho e me fizeram evoluir artisticamente. Partindo da fase anterior deste TCC, reformulei algumas referências, excluindo algumas e adicionando novas leituras que achei coerentes para o desenvolvimento dessa fase final.

Sendo assim, acredito que meu trabalho teve um acréscimo significativo desde o último semestre, pensei em novas experimentações e repensei muitos conceitos, compreendendo novamente como o meu processo funciona e quais questões se aplicariam a eles. Ter em mente a experimentação foi essencial para que as ideias fluíssem e o trabalho fosse sincero. Percebi durante essa produção que o decorrer do processo e estar aberta a experimentações eram mais importantes do que ter resultados perfeitos. Aprendi que devo abraçar os erros e o imprevisível.

Documentar o meu processo e brincar com o registro me permitiu observar melhor o que eu vinha produzindo, me conhecer e entender o que queria realizar. Embora tenha fechado todas as molduras e encerrado as experiências de todas essas bonecas de papel, sinto uma sensação de liberdade e que esse trabalho abre portas para o futuro. O meu processo é praticamente infinito, se seguir neste caminho, sempre irei evoluir e buscar novas experiências, e, dessa maneira, os meus jogos e o meu universo irão se expandir junto comigo. Acredito que imaginar nunca tem fim, e que apenas encerro essa fase, tão grande e tão significativa.



## Referências

BACHELARD, GASTON. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 1989: 202

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1960. 176 p.

BROUGÈRE, GILLES. **Brinquedo e Cultura**. Revisão técnica e versão brasileira adaptada por Gisela Wajskop. - 5. ed. - São Paulo, Cortez, 2004. - (Coleção Questões da Nossa Época ; v. 43) 110 p.

COMTE-SPONVILLE, André. **Tratado do Desespero e da Beatitude**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 370 p.

DONALDSON, Janet A. **'For the love of dolls': artifact and identity**. 2011. 131p. Tese (Doutorado em Filosofia) - School of Art Design and Social Context RMIT University: Melbourne

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. Tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2014. 8. Ed. (Estudos / dirigida por J. Guinsburg) 243 p.

JOHNSON, Judy M. **History of Paper Dolls**. [OPDAG - The Original Paper Doll Artists Guild](http://opdag.com/History.html), 2005. Disponível em: <<http://opdag.com/History.html>>. Acesso em: 2 nov. 2018.

MARTIN, Emily W. **The Black Apple's Paper Doll Primer: Activities and Amusements for the Curious Paper Artist**. Nova York: Potter Craft, 2010. 159 p.

MARTIN, Richard. **'Dolls Clothes', Cindy Sherman, 1975**. [Tate](http://www.tate.org.uk/art/works/sherman-doll-clothes-t12571), 2014. Disponível em: <<http://www.tate.org.uk/art/works/sherman-doll-clothes-t12571>>. Acesso em: 2 nov. 2018.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1987. 187 p.

TONE, Lilian. **William Kentridge: fortuna**. São Paulo: Instituto Moreira Salles; Pinacoteca do Estado; Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2012. 339 p.

ZOOTRÓPIO. [Michaelis On-line](https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/zootr%C3%B3pio/). Editora Melhoramentos, 2018. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/zootr%C3%B3pio/>>. Acesso em: 18 nov. 2018.